

DANÇA, PEDAGOGIA PÚBLICA E DIFERENÇA: DISCUSSÕES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO “MOVE: O MUNDO DA DANÇA”

Laiany Marques Guimarães¹
Lais Cristina Barbosa Silva²
Vitor Hugo Marani³

RESUMO

Neste estudo, analisamos o documentário da plataforma Netflix, com intuito compreender como a dança pode ser um meio para debates sobre diferença. Para tanto, foi utilizado à investigação de cinco episódios, cada qual apresentando diferentes danças, de países diversos. Constatou-se que, a mídia tem atuado na estrutura da consciência humana, fornecendo imagens que produzem inúmeras narrativas sobre o corpo e sobre a cultura física, o que inclui a dança, podendo ser ferramentas fundamentais para se utilizar em salas de aulas.

Palavras-chave: Dança; mídia; pedagogia pública.

ABSTRACT

In this study, we analyze the documentary on the Netflix platform, in order to understand how dance can be a means for debates about difference. For that, it was used the investigation of five episodes, each one presenting different dances, from different countries. It was found that the media has acted in the structure of human consciousness, providing images that produce countless narratives about the body and about physical culture, which includes dance, and can be fundamental tools to be used in classrooms.

Keywords: Body. Culture. Power Relations.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a dança tem desempenhado papéis diversos, desde rituais religiosos até formas de entretenimento (LARA; VIEIRA, 2010). Nos últimos anos, a dança também tem sido objeto de estudo de diversos campos acadêmicos, sendo analisada a partir de distintos olhares. Neste texto, buscamos construir análises a partir do conceito de pedagogia pública (GIROUX, 2011), encontrado a partir de aproximações com a abordagem dos Estudos Culturais Físicos (*Physical Cultural Studies*). Essa abordagem crítica busca compreender como a dança pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes, levando em consideração questões de gênero, raça, classe e outras dimensões sociais.

¹Universidade Federal de Mato Grosso, Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFMT), Pontal do Araguaia/Mato Grosso, Brasil, Graduação em Educação Física. Contato: laianymarques4@gmail.com

²Centro Universitário do Vale do Araguaia (UNIVAR), Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física – CODEF/UFMT. Pontal do Araguaia/Mato Grosso, Brasil, Pós-graduação em educação física-PPGEF. Contato: lalacrisbarbosa@hotmail.com

³Universidade Federal de Mato Grosso, Grupo de Pesquisa Corpo, Diferença e Educação Física (CODEF/UFMT), Pontal do Araguaia/Mato Grosso, Brasil, Doutor e Mestre em Educação Física. Contato: vitor.marani@ufmt.br

Neste artigo, examinaremos a relação entre dança e pedagogia pública, explorando de modo específico, narrativas advindas de um documentário específico, qual seja: “Move: o mundo da dança”.

A pedagogia pública, segundo Giroux (2011), refere-se a uma perspectiva educacional que busca promover a aprendizagem e a transformação social em contextos não formais, como museus, espaços públicos e, neste caso, artefatos midiáticos como filmes e documentários. A integração entre dança e pedagogia pública, podemos criar espaços de aprendizagem que vão além da transmissão de técnicas e habilidades, promovendo a reflexão crítica sobre questões sociais e culturais, elementos necessários para a produção de uma sociedade mais justa e igualitária, conforme pressupostos dos Estudos Culturais Físicos (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017).

Os Estudos Culturais Físicos são uma abordagem teórica fundamental para compreender a dança dentro da pedagogia pública. Essa perspectiva baseia-se na ideia de que o corpo e o movimento são construídos social e culturalmente, e que eles refletem as relações de poder presentes em uma determinada sociedade (MARANI, 2021). Os Estudos Culturais Físicos buscam analisar como a dança pode reproduzir ou desafiar as normas e os discursos dominantes, abrindo espaço para a

reflexão crítica sobre questões de identidade, diferença e resistência, como anunciam Silk, Andrews e Thorpe (2017). Ao considerar o corpo dançante como um local de luta e negociação, os Estudos Culturais Físicos fornecem ferramentas para explorar o potencial político e transformador da dança dentro da pedagogia pública.

O contato com leituras feministas que pertencem aos Estudos Culturais Físicos, como o texto de Emma Rich (2011), despertou o interesse pelo entendimento de como a mídia pode ser um local em que relações de poder podem ser visualizadas e também utilizadas como dispositivo educacional em sua manifestação pública. Em relação ao gênero, por exemplo, os produtos da mídia colocam imagens que fazem circular corpos naturalizados, sem que compreensões sobre a construção cultural do corpo seja ressaltada ali (LARA; VIEIRA, 2010). Assim, saberes acerca do feminino, do masculino, de homens e de mulheres, entre outros assuntos, acabam reforçando concepções hegemônicas dessas categorias.

Neste artigo, investigaremos as possibilidades e os desafios de se trabalhar com a dança dentro da pedagogia pública a partir dos olhares oferecidos pelos Estudos Culturais Físicos. Exploraremos como a dança pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica para promover a conscientização crítica e a

transformação social, por meio de apreciação estética específica. Daí a intenção com este artigo é de observar como uma pedagogia pública específica atua na constituição de conhecimentos que produzem danças, em especial, a partir dos marcadores sociais de diferença (como gênero, sexualidade, raça, etnia, entre outros). Ainda na referida pesquisa, tem-se como objetivos específicos à avaliação individual de cada episódio do documentário, buscando compreender cada manifestação dançante presente e seu marcador social, como ocorre a interação e a superação da mesma.

2. PERCURSOS ORIENTADORES

Pesquisas sobre a cultura física têm ocupado papel central na abordagem dos Estudos Culturais Físicos (ANDREWS; SILK, 2015; LARA; RICH, 2017). Estas estão preocupadas em reconhecer as relações de poder que envolvem o corpo em uma perspectiva sociocultural a partir de diversos espaços sociais (SILK; ANDREWS; THORPE, 2017; LARA et al., 2019). De forma específica, procuram identificar, analisar e intervir sobre os efeitos do poder no corpo, por meio de ações políticas e pedagógicas que questionam normas sociais de raça, de etnia, de gênero e de sexualidade (THORPE; BARBOUR; BRUCE, 2011).

A análise proposta neste projeto de pesquisa foi realizada por meio da série documental “Move: o mundo da dança”,

disponibilizada anteriormente no site *Netflix*. Como elemento da mídia, a série é um documentário que apresenta narrativas da dança distribuídas em cinco (5) episódios que compõem uma única temporada. Cada episódio, com duração média de 60 minutos, traz como centro diferentes danças, de países diversos, a exemplo: o street dance, nos Estados Unidos; a técnica gaga, em Israel; a dança flamenca, na Espanha; o dancehall, na Jamaica, e a dança Kathak, na Índia.

Buscamos, assim, reconhecer os diferentes marcadores sociais que atravessam tais danças, tentando entender socialmente como gênero, sexualidade, raça e etnia estão sendo produzidos nessa pedagogia pública. Para o alcance deste objetivo, a análise crítica do discurso (CDA) foi utilizada, pois é uma metodologia preocupada em estudar as relações entre cultura e poder com orientação para a justiça social, como discutem pesquisadores/as dos Estudos Culturais Físicos (BRUCE; RANKINE; NAIRN, 2017). Essa abordagem, segundo os autores, ensina que as representações da mídia são importantes discursos que criam a realidade, não sendo nem transparentes e nem inocentes. Isso acontece porque a mídia tem atuado na estrutura da consciência humana, fornecendo imagens que produzem inúmeras narrativas sobre o corpo e sobre a cultura física, o que inclui a dança. Com a CDA foi possível analisar criticamente textos de mídia que

incluem materiais audiovisuais e imagens em movimento, e auxiliam nas formas de reconhecer a dança em seus modos de representação e afirmação. Neste sentido, serão seguidos alguns passos descritos por Bruce, Rankine e Nairn (2017) para a execução da análise temática orientada pela CDA.

O primeiro passo foi colocado em prática a partir do levantamento de informações gerais da série documental e dos episódios a serem assistidos na íntegra, com observações gerais em diário de campo criado pelos pesquisadores. Foi neste momento inicial que temas comuns serão identificados entre as diferentes danças que aparecem ao longo do documentário e, ao mesmo tempo, distanciamentos temáticos entre eles. Com base nessa primeira etapa, procura-se responder às seguintes questões: Como as danças são retratadas no documentário?; b) Quais as relações entre dança e marcadores sociais de diferença (gênero, sexualidade, raça, etnia, deficiência, entre outros)?; c) De que maneira a dança pode ser vista como espaço de negociação de identidades e de empoderamento social? As respostas a estas perguntas serão alcançadas por meio do acompanhamento exaustivo dos episódios da série a serem visualizados, no mínimo, três vezes na íntegra. Esta ação guiará (re) interpretações constantes de temas (advindos de cenas, diálogos e situações) que serão descritos detalhadamente no diário de campo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. DOS GUETOS AOS PALCOS: A DANÇA DE RUA EM DESTAQUE

O tópico “Dos guetos aos palcos: a dança de rua em destaque” busca destacar o primeiro episódio do documentário “Move: O mundo da dança” onde se tematiza questões de raça dentro da dança originada das periferias, mostrando sua história e evolução durante o tempo, por meio de lutas por um espaço em um mundo em que só o Ballet era visto, como na vida dos personagens que são negros e lutaram por um espaço na dança. Para tal, textos de autores como Caldeira (1994) e Valderramas (2007), nos ajudaram a falar melhor sobre a temática. Conta à história de Charles Riley (Lil Buck) e Jonathan Smith (Jon Boogz), ambos negros, que vieram da periferia de suas cidades (Memphis, Tennessee e Miami, Florida) criados por mulheres que foram vítimas de abusos domésticos que os criaram como mães solteiras. Os dois aprenderam suas respectivas dança que são vertentes do Street Dance (Danças Urbanas) que de acordo com Valderramas (2007) surgiu originalmente na Jamaica e por conta de disputas civis teve sua migração para os EUA, as primeiras disputas de dança ocorreram por conta do alto índice de brigas entre as gangues e para amenizar esses conflitos, surgiram assim com as “batalhas” de street dance, seus estilos mais comuns são: Locking, Brooklyn Rock (Up Rocking),

Popping, Boogaloo, B-Boying ou B-Girling (Breaking), Freestyle (estilo livre). Outra personagem importante que os acompanha e narra boa parte do documentário é Robin que é uma poeta responsável por ser intérprete deles verbalmente. Por fim, o texto apresentado nos mostra uma discussão sobre a visão da sociedade sobre os negros e em como eles ganharam espaço no meio da dança, trazendo uma manifestação dançante centrada nas periferias, que aos poucos ganha espaço nos palcos das grandes cidades. Nessa perspectiva sobre corpos em movimento, o tópico a seguir nos trará uma nova visão dos corpos na dança, com um estilo de dança diferente.

3.2 UMA PERSPECTIVA DIFERENTE SOBRE O CORPO: GAGA

O tópico “Uma perspectiva diferente sobre o corpo: Gaga” busca destacar o segundo episódio do documentário, onde se tematiza questões sobre o corpo e a idade dentro da dança, mostrando através dos personagens sua perspectiva de uma nova dança desconstruída da normativa do ballet, onde os corpos se entendem mais em seu espaço e em como se movimenta. Para tal, textos de autores como Sampaio (2013) e Nunes (2005), nos ajudaram a falar melhor sobre a temática. Apresentam-nos a história de Ohad Naharin coreógrafo da companhia de dança Batsheva, criada em 1964 em Tev Aviv. Criou seu próprio estilo de dança que ele

chamou de Gaga (uma linguagem) que para ele é se conectar com as sensações, com si mesma e seu animal interior. Bailarinos que anteriormente eram de companhias de Ballet clássico, dança essa, segundo Sampaio (2013), surgiu nas cortes italianas no século XVIII, bem diferente do que estamos acostumados a observar hoje em dia, porém o ballet só ganhou sua real fama no reinado de Luís XIV que criou a primeira escola de ballet. Ao se encontrarem com o grupo de Ohad tiveram que desconstruir sua percepção técnica da dança. Segundo Nunes (2005) fugindo das perspectivas das massas de corpos perfeitos, a arte como a literatura, o teatro e a dança vêm nos mostrando outra perspectiva. Ela nos mostra que, quando no século XX, observamos os corpos pela diversidade e singularidade, houve a ruptura das técnicas impostas e a valorização da improvisação e do corpo não treinado na dança, mudando os paradigmas de corpos de danças como o ballet impunham. A partir do panorama exposto, podemos observar que nosso corpo está sujeito a gerar mudanças e a ser mudado e que qualquer idade dentro da dança, nos mostra uma versão de dança inclusiva e reflexiva.

3.3 FEMININO OU MASCULINO? FLAMENCO COMO DISCUSSÃO

O tópico “feminino ou masculino? Flamenco como discussão” busca destacar o terceiro episódio do documentário, onde o tema

em questão nos apresenta a discussão sobre gênero e sexualidade dentro da dança flamenco. Para tanto, textos de autores como Pet'ko et al (PET'KO; KREYDUM, 2013) e Cabral (1980), nos orientaram a falar melhor sobre a temática. O flamenco de acordo com Pet'ko et al (2013) é uma dança expressiva usando movimentos corporais e expressões faciais, composta por três partes, sendo elas a dança, a música (guitarra) e o canto, utilizando-se muito do bater de objetos como as castanholas para compor o ritmo e dança. Originou-se na Andaluzia sobre influência de várias culturas de povos que durante os anos por lá passaram, sua primeira aparição documentada foi em 1970, onde antes a música era como um diálogo entre dois cantores que junto envolvia a dança (PET'KO; KREYDUM, 2013). Israel Galván dançarino de Flamenco, em dado momento houve uma ruptura e ele começou a dançar de sua própria maneira o flamenco, causando raiva e tristeza em sua família e comunidade que julgavam que o que ele estava fazendo era uma desonra. Sua dança consistia em unir o flamenco masculino que era mais parado utilizando-se dos pés e ereto, com o feminino que utilizava a parte superior fazendo movimentos com os braços, tronco e quadril. Na fala do autor Cabral (1980) ele delimita o que seria gênero, sendo a relação de poder desigual entre homens e mulheres na sociedade em detrimento das diferenças sexuais, delimitando o papel de cada um. Ele teve que

sair pelo mundo dançando sua versão do flamenco para poder voltar e ser reconhecido em seu país e cidade natal. Sendo o primeiro dançarino de flamenco a dançar em Sevilha na La plaza de Toros, que é um local sagrado para o povo a utilizando em touradas. Por fim, o tópico nos apresentou uma realidade que podemos observar atualmente, onde a sociedade tenta nos obrigar a viver conforme as normativas criadas por elas, como, por exemplo, meninos usar azul, jogar bola e prover a família, enquanto as meninas usam rosa, dançam e cuidam do lar, questões essas que por meio da dança podemos abrir espaço para debates, a fim de tentar investigar que corpo queremos construir. O tópico a seguir nos mostrará como mulheres, tão julgadas por seus corpos e subjugadas no meio da dança, lutaram por seu espaço no dance hall tão conhecido no mundo masculino.

3.4 PODER FEMININO EM CORPOS QUE DANÇAM

O tópico “Poder feminino em corpos que dançam” busca destacar o quarto episódio do documentário, onde o tema em questão nos apresenta a discussão sobre o feminismo dentro da dança, através da luta de mulheres solteiras que viram no dance hall um espaço a ser desbravado, e onde tiravam seu sustento para a família. Para tanto, textos de autores como Stanley (2004), Da Silva et al (2021), Silva; Carmo; Ramos (2021), nos ajudaram a falar

melhor sobre a temática. Kimiko Miller é dançarina e coreógrafa do estilo de dança Dance Hall em Kingston, Jamaica, essa manifestação dançante é uma expressão de revolução e resistência, vieram de seus ancestrais da escravidão. O dance hall surgiu na Jamaica na década de 50, que contava a história de um povo que sobreviveu de momentos ruins de suas vidas usando-se da dança (STANLEY, 2004). O dance hall anteriormente acontecia nos guetos no meio de criminosos, onde rolava tiroteio, também era uma dança dominada por homens onde a mulher era segundo plano que servia somente para entregar bebidas ou como entretenimento para eles. Por conta disso, segundo Stanley (2004) foram criados grupos de dança que competiam entre si, fazendo com que a violência diminuísse e as desavenças fossem resolvidas nos palcos. Em suas coreografias Kimiko se utiliza de movimentos masculinos do dance hall misturando com os passos femininos para criar movimentos que façam enxergarem que elas também dominam a dança, porém um fato curioso é que grupos masculinos somente dançam movimentos de homens, pois se eles utilizam o feminino serão ridicularizados, e poderiam até ser espancados tendo que seguir regras (STANLEY, 2004). A partir da perspectiva apresentada, o feminismo foi sinônimo de resistência e luta para as mulheres conquistar o que foi conquistado até hoje.

3.5 O CORPO EM FORMA DE HISTÓRIA

O tópico “O corpo em forma de história” busca destacar o quinto e último episódio do documentário, onde o tema em questão nos apresenta a discussão sobre a xenofobia e identidade no mundo da dança, com o olhar e história do nosso personagem podemos ver sua luta como um imigrante em outro país e como dançar um estilo novo como o contemporâneo sem abandonar suas raízes. Para tanto, textos de autores como Garaudy (2013) e Farah (2017), nos ajudaram a falar melhor sobre a temática. Akram Khan é um dançarino e coreógrafo de Kathak, uma típica dança clássica indiana. Aos 13 anos, por influência de Peter Brook ele iniciou na dança contemporânea. Garaudy (2013) chamada de “nova dança” o movimento que surgiu para contrapor a dança moderna nas décadas de 50 e 60, tendo como objetivo proporcionar a consciência corporal dos seus praticantes, trabalhando corpo e mente, porém sem se afastar totalmente da dança clássica indiana. Sua família sofria por vezes, com a xenofobia que, de acordo com Farah (2017) são traços de repulsa ao estrangeiro com discriminações como racismo e a intolerância religiosa. Outro ponto levantado por Farah (2017) é a diferença entre refugiado e não teve tempo de planejar a mudança, tendo que se deslocar de forma rápida, pois seus direitos humanos foram infringidos. Por fim, o tópico delinea a mistura entre a dança e a luta contra a

xenofobia enfrentada pelo personagem como também o peso de carregar a cultura de seu povo por meio de suas coreografias, e em como a dança pode abrir espaço para debate e discussão sobre temáticas de cunho social, o que abordaremos no próximo tópico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: LUTAS SOCIAIS PELA DANÇA E NA DANÇA

O tópico “Lutas sociais pela dança e na dança” busca compreender e nos elucidar sobre a importância da dança e da mídia como caminho para nos ajudar a compreender nosso corpo na sociedade e em marcadores sociais que nos rodeiam e por vezes é banalizado em meio à normativa que vem com cada estilo de dança. Para tanto, textos como de Lara (2010), Lara e Vieira (2010) e Giroux (1997), nos ajudaram a falar melhor sobre a temática. A dança é uma prática corporal que surgiu desde os primórdios do mundo como forma de expressão em cada sociedade, porém antes de falarmos sobre sua importância na vida social, precisamos nos orientar sobre o corpo e suas perspectivas no mundo.

Por muito tempo, o corpo, de acordo com Lara (2010), foi retratado de forma biológica, porém quando o pensamos nele além de sua forma física, mas sensível, formadora de cultura e sujeita a mudanças e interpretações, abrimos espaço para uma visão mais cultural e

comunicativa do corpo e menos biológica e mercantil. Vemos a conexão e importância da cultura e do corpo e como elas não podem ser vistas separadamente, pois o corpo e toda sua subjetividade e gestualidade forma a cultura de um povo, como também a cultura de um povo modifica as formas de gestos e movimentos de um corpo.

As autoras nos trazem em sua abordagem como a dança é vista e ensinada nas universidades e entre os problemas encontrados dois são de importância para poder observar como a dança pode abrir espaços de debates sobre temas sociais presentes no nosso cotidiano, quando elas apresentam o “apelo a danças midiáticas” onde os jovens de hoje em dia ao apelo de programas de dança na TV cultuam somente músicas e coreografias de cunho mercantil, se esquecendo de danças folclóricas de nossas regiões que são amplamente excluídas por nossos alunos. Segundo ponto seria o “sexismo”, onde a dança mesmo em tempos atuais é vista de forma a ser dançada somente por mulheres e se você homem dança é considerado homossexual, onde os alunos se questionam ou se negam a usar sapatilhas ou legging para a prática corporal por ser considerado roupa afeminada. Segundo Lara e Vieira (2010) desenvolver contextualmente a história da dança para os jovens, abre portas para debates e rupturas de pré-conceitos que eles tenham sobre a prática corporal, e por meio das

falas e da experimentação, mostrar que a dança vai além de ser só para meninas.

Utilizando o estudo de Henry Giroux sobre a pedagogia crítica, a pesquisa tem como objetivo mostrar principalmente para professores de Educação física como utilizar a matéria de dança para falar sobre questões como raça, gênero, classe, etc., dentro de suas aulas e como essa temática é importante para a sociedade atual que necessita de como Giroux (1997) aponta de professores que “vão além de tornar a experiência relevante para os alunos, tornando-a também problemática e crítica, através do questionamento da mesma em busca de suas suposições ocultas”, trazendo essas problemáticas vividas pelos alunos fora da escola para dentro e se utilizando de formas criativas para discuti-las, problematizá-las e quem sabe resolvê-las.

Finalizando, o estudo da nossa pesquisa, cujo enfoque é mostrar a dança como matéria de educação física, que vai além de movimentos corporais, mas também falar sobre esses corpos que estão sendo construídos, utilizando - se de pedagogias públicas como o documentário tão importante mídia utilizada atualmente. Por isso, é importante criar estratégias de análise destas concepções, procurando entender como diferentes artefatos culturais têm informado sobre tópicos relacionados ao corpo e à fisicalidade. Em relação à dança, é possível afirmar que a dinâmica de formação identitária

não é diferente (MARANI, 2021). Como uma pedagogia, no sentido público dessa questão, filmes, programas de televisão, séries e videoclipes, que trazem a dança como manifestação cultural estão contribuindo para reproduzir corpos que atendam às expectativas culturais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, David L.; SILK, Michael L. **Physical Cultural Studies on sport**. In: GIULIANOTTI, Richard. (Ed.). Routledge Handbook of the Sociology of Sport. Londres: Routledge International Handbooks, 2015. p. 83-93.

BRUCE, Toni; RANKINE, Jenny; NAIRN, Raymond. **Critical Discourse Analysis**. In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Ed.). Routledge Handbook of Physical Cultural Studies. Londres: Routledge International Handbooks, 2017. p. 51- 60.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. **Relações de gênero**. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, p. 142-150, 1998.

CALDEIRA, Isabel. **A construção social e simbólica do racismo nos Estados Unidos**. 1994. BORGES, Edson et al. Racismo, preconceito e intolerância. São Paulo: Atual, 2002.

DA SILVA, Joasey Pollyanna Andrade; DO CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. **As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas**. Revista de

Direitos Humanos em Perspectiva, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021.

FARAH, Paulo Daniel. **Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância.** Revista USP, n. 114, p. 11-30, 2017

GARAUDY, R. **Dançar a vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GIROUX, Henry A. **Breaking into the movies: Public pedagogy and the politics of film.** Policy Futures in Education, v. 9, n. 6, p. 686-695, 2011.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LARA, Larissa Michelle et al. **Resenha de Routledge Handbook of Physical Cultural Studies.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 229-230, abr. 2019.

LARA, Larissa Michelle; RICH, Emma. **Os estudos de cultura física na Universidade de Bath- Reino Unido: dimensões de uma abordagem muito além da fisicalidade.** Movimento, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p. 1311-1324, out./dez. 2017.

LARA, Larissa Michelle; VIEIRA, A. P.; LARA, L. M. **Abordagens socioculturais em educação física.** Maringá: Eduem, 2010.

LARA, Larissa Michelle; VIEIRA, Alba Pedreira. **Em foco... o corpo que dança: experiências docentes e intersubjetividades desafiadas.** In: LARA, Larissa Michelle. (Org.). Abordagens socioculturais em educação física. Maringá: Eduem, 2010. p. 147- 186.

MARANI, Vitor Hugo. **Corpo, dança e educação física: experiências subversivas de gênero e sexualidade?** 2021. 225f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de

Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

NHUR, Andreia. **Escrever História da Dança: das evidências às discontinuidades históricas.** In: IV Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança, 2015, Santa Maria. Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança, 2015. p. 1-11.

NUNES, Sandra Meyer. **Fazer dança e fazer com dança: perspectivas estéticas para os corpos especiais que dançam.** Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos, n. 6/7, p. 43-56, 2005.

OLIVE, Rebecca. **The political imperative of feminism.** In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Ed.). Routledge handbook of physical cultural studies. London: Routledge, 2017. p. 51-60.

PET'KO, Ludmyla; KREYDUN, Sofia. **Flamenco.** 2013.

RICH, Emma; SANDLIN, Jennifer A. **Physical cultural studies and public pedagogies.** In: Routledge handbook of physical cultural studies. Routledge, 2017. P. 548-557

RICH, Emma. **Exploring the relationship between pedagogy and Physical Cultural Studies: the case of new health imperatives in schools.** Sociology of Sport Journal, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 64-84, 2011.

SAMPAIO, Flávio. **Balé passo a passo: história, técnica, terminologia.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly. **Introduction.** In: SILK, Michael L.; ANDREWS, David L.; THORPE, Holly (Ed.). Routledge Handbook of Physical Cultural Studies. Londres: Routledge International Handbooks, 2017, p. 1- 12.



REI
ISSN 1984-431X

Revista Eletrônica Interdisciplinar
Barra do Garças – MT, Brasil
Ano: 2023 Volume: 15 Número: 1

STANLEY-NIAAH, Sonjah. **Dancehall de Kingstons: uma história de espaço e celebração.** Espaço e Cultura, v. 7, n. 1, pág. 102-118, 2004.

THORPE, Holly; BARBOUR, Karen; BRUCE, Toni. **“Wandering and Wondering”: Theory and Representation in Feminist Physical Cultural Studies.** Sociology of Sport Journal, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 106-134, 2011.

VALDERRAMAS, Caroline Guimarães Martins; HUNGER, Dagmar. **Origens históricas do street dance.** Lecturas: Educación física y deportes, n. 104, p. 14, 2007.